



doi: 10.20396/rfe.v11i2.8657425

## O HOMEM RACIONAL VERSUS O HOMEM INTUITIVO: analogias entre o sobrinho de Rameau e Friedrich Nietzsche

THE RATIONAL MAN VERSUS THE INTUITIVE MAN: analogies between Rameau and Friedrich Nietzsche

*Fernando Xavier Silva*

### RESUMO:

Trata-se de uma resenha das obras *Sobrinho de Rameau* de Denis Diderot (1713-1784), *Sobre a Verdade e Mentira no sentido Extra-Moral* de Friedrich Nietzsche (1873) e *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências* de Gérard Fourez (1995). Os textos foram lidos com base nas seguintes questões: Quais são as bases de sustentação do conhecimento? O que é a verdade e se é possível alcançá-la de forma objetiva; O que é a ciência e o que ela representa na busca pela verdade e o conhecimento? e Quais as possibilidades da linguagem na busca pelo conhecimento? Concluiu-se que o que Diderot, por meio do sobrinho de Rameau, caracteriza como idiotismo aparenta-se com os valores morais seguidos pelo instinto de rebanho nos indivíduos. Desconstruir conceitos, apreender o aspecto fluido e mutável das coisas e dos valores, seria essa a linha mestra dos textos tratados neste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conhecimento. Homem Intuitivo. Filosofia da Ciência

### ABSTRACT:

It is a review of the works *Nephew by Rameau* de Denis Diderot (1713-1784), *On Truth and Lie in the Extra-Moral sense* by Friedrich Nietzsche (1873) and *The Construction of the Sciences: Introduction to the Philosophy and Ethics of the Sciences* by Gérard Fourez (1995). The texts were read based on the following questions: What are the bases of knowledge support ?; What is the

truth and whether it can be attained objectively; What is science and what does it represent in the search for truth and knowledge? and What are the possibilities of language in the search for knowledge? It was concluded that what Diderot, through Rameau's nephew, characterizes as idiotism resembles the moral values followed by herd instinct in individuals. To deconstruct concepts, to grasp the fluid and changing aspect of things and values, would be the guiding principle of the texts dealt with in this paper.

**KEYWORDS:** Knowledge. Intuitive man. Philosophy of Science

## O HOMEM RACIONAL

Os problemas norteadores das primeiras aulas do curso foram especialmente: Quais são as bases de sustentação do conhecimento? O que é a verdade e se é possível alcançá-la de forma objetiva; O que é a ciência e o que ela representa na busca pela verdade e o conhecimento? e Quais as possibilidades da linguagem na busca pelo conhecimento?

Neste trabalho, desenvolveu-se uma síntese a partir destes problemas e das discussões dos textos de Friedrich Nietzsche (1873), Denis Diderot (1979) e Gerárd Fourez (1995).

Publicado em 1762 a obra *O Sobrinho de Rameau* de Denis Diderot (1713-1784) apresenta um diálogo entre o filósofo e o sobrinho de Jean-François Rameau, um organista e compositor francês do século XVIII. O contexto do diálogo é da valorização da razão, das ciências e do progresso, característica daquele século, e isso influenciou os interlocutores em seus embates filosóficos. O sobrinho mostra-se um indivíduo excêntrico, instável, mutável, um infante avesso ao que o filósofo representa, sendo difícil de apreender sua verdadeira natureza, oscilando entre argumentos contundentes e acessos de aparente loucura, seja simulando demonstrações em instrumentos musicais, seja descrevendo diálogos absurdos.

O que tensiona o debate é a fragilidade de toda a gama de preceitos morais da modernidade representada pelo filósofo e ainda o engrandecimento da razão como juíza última da verdade. É o embate entre o útil (a razão, a ciência e a filosofia) e o inútil. É uma desconstrução em forma de literatura dos mais importantes alicerces da sociedade do Século XVIII, na medida em que o sobrinho sobrepõe a experiência à devires. Em sua vivência completamente despudorada perpassa pelas classes sociais e em uma espécie de elogio da loucura ele, que conhece música, artes, filosofia e literatura, parece ter uma visão limitada do que pode trazer felicidade e prazer, valoriza o bom gosto, os banquetes, as bebidas finas, a boêmia, a riqueza (DIDEROT, 1979). Mas o problema central parece ser o de que ele apenas aparenta ser apenas um apreciador da vida boa, fácil e não contemplativa, ao longo da trama dialógica se revela uma síntese antropomórfica de alternativas ao que Nietzsche (1983) intitulou de instinto de rebanho (Tratar-se-á dessa noção mais abaixo). A *virtu*, sendo representada principalmente pela honestidade, bons costumes e justiça é criticada pelo sobrinho, as pessoas seriam contraditórias, hipócritas e moralistas ao condenarem a pobreza, a miséria, a infelicidade, mas não questionarem de onde provém a riqueza e não vislumbrarem a possibilidade haver diferentes concepções de felicidade (DIDEROT, 1979). Em um dos trechos do dialogo ele afirma:

lembrai-vos de que, num assunto tão controvertido como o dos costumes, nada há que seja absoluta, essencial e geralmente verdadeiro ou falso, mas que se deve ser aquilo que o interesse deseja que sejamos: bom ou mau, sábio ou louco, decente ou ridículo, honesto ou vicioso (DIDEROT, p. 57, 1979).

A capacidade de conformar a linguagem de acordo com os interesses para preservar ou angariar a vaidade é um dos atributos da razão (DIDEROT, 1979). Não há nada que conduza necessariamente à virtude,

para os indivíduos do Século XVIII, segundo o sobrinho de Rameau o que é bom e belo somente correspondem à justiça quando convém (DIDEROT, 1979). O culto à razão como fim em si mesmo esbarra em uma série de argumentações, como essa:

Quiseram-me ridículo, assim me fiz. Quanto aos vícios, a despesa ficou por conta da natureza. Quando digo vicioso, digo-o apenas para falar a vossa língua, pois, se viéssemos a nos explicar, poderia ocorrer que chamásseis vício o que chamo virtude, e virtude o que chamo vício (DIDEROT, p. 57, 1979).

E assim encontra um limite na linguagem e na razão contrapondo-se a leis universais no campo da moral. Ao invés de devires encontra-se no sobrinho de Rameau uma valorização de todas as dimensões do vivido.

Friedrick Wilhelm Nietzsche (1844-1900), mais de cem anos após a publicação do texto de Diderot (1762) discorre sobre o intelecto e suas limitações quando relacionado à busca da verdade no texto intitulado Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral (1873). Assim como o sobrinho de Rameau, o filósofo alemão critica os valores morais universais, além disso, apresenta o intelecto como um fenômeno recente e superestimado. Afinal, “aquela altivez associada ao conhecer e sentir, nuvem de cegueira pousada sobre os olhos e sentidos dos homens, engana-os pois sobre o valor da existência” (NIETZSCHE 1983, p. 45).

Para conservar-se, o intelecto cria artimanhas, ilusões, disfarces e busca quase sempre o caminho mais fácil, o de seguir as leis dos costumes de cada época, de terem a ilusão de que apreendem a realidade por meio de conceitos (NIETZSCHE 1983). Para Nietzsche (1873), os conceitos apreendem apenas alguns aspectos da realidade, engessa a verdade ao não considerar um “batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim,

uma soma de relações humanas” (NIETZSCHE 1983, p.48). Como Diderot (1979), desfere golpes ao que aparece como imutável, os valores morais. O intelecto, ao atender ao instinto de conservação, “universaliza antes todas essas impressões em conceitos mais descoloridos, mais frios, para atrelar a eles o carro de seu viver e agir” (NIETZSCHE 1983, p. 49).

O problema sobre o que é a verdade e se é possível alcançá-la de forma objetiva apresenta-se de maneira interessante. Para conhecer objetivamente a realidade precisaríamos ter acesso à coisa em si, o objeto em sua essência, mas este não representa por si a si mesmo, o intelecto apreende características (é duro, é frio, é burlesco) e por meio da palavra suspende as metáforas em esquemas conceituais, esses transformam-se em teias conceituais sob as quais o intelecto encontra uma acomodação. Cessa então de buscar a verdade, que apesar de não ser atingível, permite o fluxo de impulsos necessários à formação de metáforas (NIETZSCHE 1983).

Segundo o filósofo, seria esse o homem intuitivo. Defronte ao homem racional contrasta-se, por não tomar disfarces como verdades absolutas, a necessidade não o domina e ele vive a partir das intuições, “colhe já, desde logo, já de suas intuições, fora a defesa contra o mal, um constante e torrencial contentamento, entusiasmo, redenção” (NIETZSCHE 1983, p.52). Já o homem racional perde-se em ilusões conceituais e morais, segue os costumes de sua época, e como em rebanho contenta-se em apreciar e tomar como fontes de felicidade aquilo que já designaram antes dele (NIETZSCHE 1983).

O sobrinho de Rameau parece corresponder ao homem intuitivo, mesmo sendo uma personagem criada por Diderot um século antes, se apresenta como um desses heróis eufóricos, como caracteriza Nietzsche (1983), sofre e se alegra ao desconstruir a realidade. Cria as próprias metáforas por meio de uma intuição aguçada. Ao dialogar com o filósofo (Diderot) mostra-se instruído pela experiência, pelas tentações, fascinação. Descortina os mais fortes pilares da sociedade moderna:

O soberano, o ministro, o financista, o magistrado, o militar, o homem de letras, o advogado, o procurador, o comerciante, o banqueiro, o artesão, o professor de canto, o professor de dança são gente muito honesta, embora sua conduta se afaste da consciência geral de vários pontos e esteja repleta de idiotismos morais. Quanta mais antiga a instituição de uma coisa, mais idiotismos terá (DIDEROT, 1979, p. 53).

O que Diderot, por meio do sobrinho de Rameau, caracteriza como idiotismo aparenta-se com os valores morais seguidos pelo instinto de rebanho nos indivíduos. Desconstruir conceitos, apreender o aspecto fluido e mutável das coisas e dos valores, seria essa a linha mestra dos dois textos tratados até aqui.

Outro autor, Gérard Fourez (1995), também reflete sobre o caráter social do intelecto, afirma que ele apreende fatos a partir de esquemas conceituais pré-montados, encaixa-os em representações já estabelecidas. A descrição dos objetos já se basearia na utilização de uma série de noções pré-estabelecidas. Por isso, observar é sempre representar. Ao representar nunca se obtém do objeto sua verdadeira essência.

O que confere uma impressão de imediatez á observação é que não se colocam de maneira alguma em questão as teorias que servem de base á interpretação; a observação é uma certa interpretação teórica não contestada (FOUREZ, 1995, p.41).

Dessa maneira o autor reflete sobre um caráter interessante do conhecimento e da busca pela verdade, as provas de validação dos fatos são leituras específicas do mundo fundamentadas em esquemas teóricos e

empíricos, é um puxar a si mesmo pelos cabelos para escapar da areia movediça. Formariam-se então ilhas de racionalidade onde cada verdade é válida somente a partir de certas premissas, e sempre há premissas (FOUREZ, 1995).

Enquanto os cientistas e parte da sociedade supervalorizam a ciência como última juíza na validação do que é verdade ou mentira, para Fourez (1995) ela é uma construção social, muitas vezes com a pretensa proposta de alcançar a objetividade. Mas a objetividade, a apreensão do objeto em si, defronta-se com os esquemas teórico-empíricos já estabelecidos no observador. A revolução copernicana permitiu essa reviravolta. O sujeito também é objeto de representação, ele carrega em si atributos e esquemas que apenas permitem “arranhar” o objeto em si (FOUREZ, 1995). O conhecimento encontraria essa limitação na construção da razão, e a ciência seria apenas uma das formas de buscá-lo (FOUREZ, 1995).

Tudo depende da legitimidade do conhecimento, a comunidade científica e o restante da sociedade validariam apenas os conhecimentos advindos dessas ilhas de conhecimento. Porém, “o sentimento de realidade é um sentimento subjetivo e afetivo que faz com que tenhamos confiança no mundo tal como vemos (FOUREZ, 1995, p.54). A legitimidade e a validação por uma comunidade científica fariam com que esses conhecimentos, já perpassados por pré-noções e premissas, sejam tomados como sinônimos de verdade. Qualquer visão de mundo que destoe das “legítimas” seria fruto de loucura ou nem sequer encontrariam eco na esfera pública (FOUREZ, 1995).

## REFERÊNCIAS

DIDEROT, Denis, o Sobrinho de Rameau, in Diderot, **Os Pensadores**, S.P.; Ed. Abril, 1979 pp 38-82.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Editora UNESP,1995.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a Verdade e Mentira no sentido Extra-Moral. In **Nietzsche, Os Pensadores**, S.P.; Ed. Abril,1983. PP. 42-52.

*Submetido em: 06/11/2019*

*Aceito em: 20/01/2020*

*Publicado em: 27/03/2020*